

Polémizando com Kurz

Euler Conrado

Os fundamentos da crítica marxiana de Kurz, no que tange aos argumentados que utiliza no texto abaixo, merecem reflexão. A crítica que ele faz à **luta de classes** se esforça para enquadrar a categoria "classe operária" ou proletário em esquema frágil. Primeiramente, diz que o proletariado de Marx era essencialmente o operário fabril e que hoje, este, numericamente, estaria destituído de força, ou enquanto força social capaz de mudar no interior do capital. Desta forma Kurz sai de uma essência - proletariado que possui somente a força de trabalho, destituído dos meios de produção - para uma condição quantitativa que não contextualiza a própria crítica que ele desenvolve da reprodução do capital, até os tempos atuais. O proletariado fabril quase virou "pó", enfatiza, mas o proletariado, enquanto força social que produz e reproduz as riquezas (ou a miséria) sociais e delas não se apropria, tal situação não mudou. Pelo contrário, agravou-se.

Em segundo lugar, Kurz adentra na questão da exploração da mais-valia, do lucro, dizendo que esta, hoje, em grande medida seria uma **"projeção futura"**, uma espécie de mais-valia virtual, ancorada nas **bolhas financeiras** - cuja teoria ele tem defendido com profundidade. Considerando que os "empregados" dos serviços públicos (Kurz evita, aqui, a expressão "proletários", talvez para não se contradizer a si mesmo, ou simplesmente em função da igualdade qualitativa que atribui às categorias de trabalhadores em relação à classe burguesa), ainda que fossem remunerados não mais pela parcela da **mais-valia real**, e sim pela chamada **mais-valia virtual**, ainda assim estaríamos diante de uma **"projeção futura"** que reproduz o real. Ou seja, a base de reprodução do capital estaria ainda assentada nos mesmos princípios, ou do contrário poderíamos "esticar a corda" a ponto de possibilitar uma melhor distribuição de renda para toda a humanidade, já despida da separação / superação de classes sociais.

Não é o que a vida tem demonstrado. Nos chamados países "em desenvolvimento" a exploração da mais-valia absoluta se combina com a exploração da mais-relativa, e os baixos salários do lado de cá do planeta constituem componente essencial e combinado para manter

o alto padrão social de camadas sociais da elite, tanto daqui como dos países ricos. Além disso, mesmo nestes países, as contradições se afloram. Torna-se cada vez mais difícil manter as políticas públicas de assistência social. Nos EUA a miséria relativa e absoluta cresce visivelmente. Nos países "ricos" da Europa Ocidental tenta-se a todo custo cortar gastos sociais criados na "época de ouro" (Hobsbawm) de expansão capitalista. O que dizer então do restante do planeta?

Parece-me que a polêmica do proletariado ter sido reduzido a quase nada precisa ser pensada criticamente. Se houve mudanças substanciais nas formas de produção e reprodução do valor - fordismo, taylorismo, toyotismo, 3ª revolução industrial - estas não alcançaram / alteraram a essência das relações capitalistas, que continuam reproduzindo riquezas para poucos e miséria, fome e desigualdade social que atinge a maioria da população mundial.

Concordo plenamente quando se faz uma crítica à "positivação" do papel do proletariado, erigido à condição de uma classe social endeusada, mitificada, que não desejaria libertar-se da sua própria condição de explorada, portadora do fardo do trabalho alienado etc. Mas, daí a recusar a condição concreta atual, de uma classe que é explorada e que é, teórica e praticamente, a única capaz de lutar ou não para sua auto-emancipação, vai uma longa distância. Não me refiro apenas ao proletariado fabril, que é parte deste exército de proletariado (incluindo os desempregados) do qual somos parte, todos os que não possuem (possuímos) os meios de produção e não somos parte dos aparatos de dominação estatal. A crítica social, quando não aponta um sujeito no interior das relações, que, ao reconhecer-se - afirmação - enquanto tal, queira negar-se a si mesmo através da luta social auto-emancipatória, dificilmente poderá contribuir para que esta realidade se altere. Numa certa medida, acaba reproduzindo, em sua crítica, o objeto da sua crítica: da constatação de uma "mais-valia projetada", em forma de bolha financeira, projeta-se um proletariado que não seria mais proletariado, uma espécie de proletariado-projetado, despido da condição

social transformadora que justificou a teoria marxiana da luta de classes.

É verdade que a crítica marxista vulgar, dos partidos comunistas, transformou a luta de classes num esquema fechado, que reduz a classe proletária a uma massa sem rosto, formada por chefes que formariam a vanguarda que estaria organizada num partido, com seus deuses (Stálin, Lula, Prestes...), os quais seriam uma espécie de guias geniais das massas para o reino do céu. Amém! Este reducionismo da teoria marxiana contribuiu para o desfecho trágico do século que passou. [Neste ponto, o marxismo militante deve desculpas, muitas, ao anarquismo, menos pela contribuição teórica, mas pelas conseqüências práticas de políticas que conduziram ao massacre de milhares de pessoas e representaram uma colaboração de classe com a burguesia na reprodução do valor-dinheiro. A revolução na Espanha é um exemplo do papel negativo, dentre tantos outros exemplos, do marxismo stalinista].

Mas, estou convencido de que despir a teoria marxiana da luta de classes inerente à forma social capitalista é torná-la dócil aos ouvidos da burguesia. A recusa à mercadoria, ao estado, não teria **sujeito social** que a levasse a cabo. O capitalismo estaria fechado num círculo que se auto-destruiria como uma bomba relógio uma vez que no interior de suas relações não haveria, dentre as forças sociais existentes, alguma que quisesse emancipar-se, abolindo e superando as relações sociais existentes. Ou então, numa segunda hipótese, dependeríamos de uma humanidade inexistente, provavelmente "projetada", como as bolhas financeiras, que desceria do céu para libertar a humanidade explorada concreta - o proletariado - da sua condição de escravo que aliena a força de trabalho para aumentar as riquezas nas mãos da burguesia.

Não me preocupo com a terminologia - operário, proletário, assalariados-explorados etc - mas com a essência. E nisso, não dá para colocar no mesmo saco os burgueses e seu estado, que se apropriaram das fontes de vida, dos meios de produção e das riquezas produzidas por bilhões de pessoas, com estas, que são aquelas despidas daquilo que foi apropriado pelos primeiros. Em termos gerais pode-se até dizer, grosso modo, que se trata de agentes sociais que concorrem no mercado, uns por mais lucros e outros por melhores salários. Mas, bota diferença nisso! Diferença que é quantitativa, também, mas não apenas. Daí que

os conflitos, se quiserem romper o círculo vicioso da acumulação e concentração de riquezas - e da reprodução da condição de explorados do proletariado - terá que combinar a luta imediata, por melhores condições, por um permanente esforço de re-apropriação dos espaços cedidos às elites dominantes. Em outros termos: a auto-emancipação do proletariado passa por uma luta combinada de afirmação e recusa da ordem existente. Afirmação, quando luta por melhorias imediatas que, na essência, não negam imediatamente a reprodução do dinheiro. Negação, quando estas conquistas representam a re-apropriação do controle dos meios de produção, do tempo, dos espaços físicos e materiais que hoje são controlados pela burguesia e pelo estado.

A recusa radical do mercado e do estado não se dá de forma estanquizada, do tudo ou nada. Exigir nenhuma relação com o estado ou com o mercado é tese de quem, na prática, acaba abrindo mão da luta social - mesmo que tenha as melhores intenções, o que se aplica a mim próprio, quando me aproximei desta concepção. Como se a nós, explorados, tivesse sido dada a opção, isoladamente, de abandonar os locais de trabalho, dar uma banana para o estado e ir para uma ilha qualquer assoviar e chupar cana. Portanto, enquanto houver capital e trabalho, essa relação vai exigir pontos de aproximação e recusa. O que deve ser discutido é **como** se dá essa relação. Se, em forma de colaboração e parceria de classe - e a tese da recusa da existência da luta de classe acaba contribuindo, direta ou indiretamente, com essa alternativa - ou em forma de luta aberta, **luta de classe**, que convive golpeando, arrancando conquistas e espaços, até levar o inimigo e todo o sistema à ruína. Eis a morte do proletariado e o nascimento da humanidade auto-organizada e associada para a produção de necessidades comuns.

Faz sentido a crítica de Kurz quando nomeia as oposições e conflitos entre sujeitos que deveriam estar na mesma trincheira e se apegam às aparências formais do tipo: concorrência entre nações, entre categorias de ramos de produção, de gênero, etc. Mas, destes conflitos que são próprios da alienação e do fetiche do capital, Kurz extrai não o fundamento para a necessária unidade de classe *dos de baixo* - ao contrário disso, busca reforçar a tese da inexistência da luta de classes. Ora, pelo fato do proletariado não possuir consciência de sua condição social e embarcar em guerras

nacionais, patriotismos, defesa de interesses corporativos, etc, não significa que ele tenha deixado de existir enquanto **classe social explorada**. Muitos escravos, na Antiguidade, ou no Brasil-colônia e parte do Brasil-império, também se acomodaram com sua condição, o que não fez deles menos escravos do que os que se rebelaram.

Isoladamente, a ocupação de um terreno ou de um prédio, ou a conquista de melhores salários e condições de trabalho não representa o fim do capitalismo, claro. Nem mesmo o operário fabril do século XIX, quando ocupava fábricas e matava os patrões, colocava em risco, isoladamente, a produção capitalista como um todo. Além de representar uma melhoria imediata nas condições de vida – melhorias estas arrancadas do inimigo, na luta – são ensaios que se acumulam, que **podem ou não se articular e dar um salto de qualidade**. De uma certa forma, o proletariado foi, sim, parceiro da "modernização" burguesa, visto assim, de frente para trás, como num filme, abstraindo-nos das lutas e revoluções proletárias onde se tentou colocar um fim ao regime capitalista. São argumentos que podem compor uma análise objetiva, fundamentada, daquilo que foi, **em parte**, mas que não incorpora outros valores e conquistas objetivas. Além disso, tem um dado subjetivo a ser levado em conta: o proletariado enquanto força social foi derrotado em vários momentos, sabemos: Comuna de Paris, 1871, Rússia, 1917, Alemanha, poucos anos depois, Espanha, na segunda metade da década de 30, Paris novamente, 1968, etc., etc. Mas, estas derrotas foram precedidas por **importantes vitórias**, por questionamentos que abalaram o mundo, que desafiaram a ordem, que poderiam ter resultado em coisa diferente. Não dá para dizer que o proletariado sentou-se à mesa com a

burguesia, como faz o PT no governo Federal, e convencionou "modernizar" o capital. Mesmo que isso objetivamente tenha acontecido é preciso que se diga: tal "colaboração" de classe se deu ao arrepio de uma das partes, do proletariado, que lutou (luta) e foi derrotado. Foi sobre as cinzas das revoluções massacradas que a modernização se fez!

Daí que, na minha modestíssima opinião, julgo não haver sido encoberto pela poeira do tempo o embate entre as classes sociais que se opõem: burgueses e proletários. A unidade sistêmica para a reprodução do valor não as torna equivalentes nas relações sociais, haja vista que uma delas continua detendo os meios de produção e as riquezas sociais produzidas pela outra, despida, a não ser dos meios essenciais de subsistência, para que continue se reproduzindo enquanto força de trabalho vivo reprodutora de valor. Enquanto essa essência não for alterada, mesmo que tenha sido mudada em aspectos relevantes, mas que não mexeram nos fundamentos do capital, não se pode dizer que o Marx da luta de classes (não confundi-lo com o Marx dos marxistas que teorizam a seu modo a luta de classes!) continuará vivo. E clamando: proletariado – por sobre as correntes das nações, das categorias profissionais, da separação de gênero, de raça ou de etnia – uni-vos!